

## A VOLTA

*“No ir – seja até onde se for – tem-se que voltar; mas, seja como for, que se esteja indo ou voltando, sempre já se está no lugar, no ponto final.”*

*(Guimarães Rosa – “Cara de Bronze”)*

### 1

Perdido em si mesmo ei-lo parado na pequena estação da pequena cidade. A estação ferroviária e suas pilastras cinzeladas, a cobertura antiga, os carcomidos trilhos. Um dia já foi a acolhedora das maiores emoções. Hoje tudo é exíguo: famílias humildes amontoadas a seus andrajos, a enristecida gente, contrastando melancolicamente com as luzes multicores de outrora, o contínuo e frenético vai-e-vem, as despedidas, as chegadas...

O ressoante sinal que invade o ar parece despertá-lo de um sonho. Mas a presente realidade define-se quando ele percebe o desordenado bando de passageiros embarcando às pressas. O trem inicia então a sua movimentação de praxe, envolto em volutas de fumaça, acelerando-se lentamente no seu compassado chacoalhar. Afasta-se, pouco a pouco, com a enferrujada cor e o apito uivante, lamentoso, deixando um hiato no espaço ao desaparecer na serpenteante rota. A estação afunda-se num atordoador silêncio e ele está ali ainda, perscrutando o vazio que o rodeia.

De repente, porém, como se uma força interior o golpeasse, ele move-se com ímpeto. Está agora curvado num dos guichês, onde se emoldura a face de um velho narigudo, usando suspensórios e mínimos óculos:

- Não. Trem de volta só de madrugada...

A um gesto de desagrado do viajante, argumenta o velho:

- O senhor já devia de saber, quando saltou, que isto aqui não é lugar de maiores movimentos.

Os longínquos trilhos do tempo. Um dia partimos, viemos, chegamos. Que irresistíveis apelos são estes, das lonjuras, do desconhecido? Tudo parece zunir à sua frente, o dia se abrindo em nevoentas cores. Há um vácuo entre o antes e o trem, ele correndo, partindo, indo, vindo, as rodas nos trilhos, luzes, lances e clarões, o entontecedor apito. Agora é a dúvida no semblante, nergas do mar reluzindo ao longe.

Perambula por vielas estreitas e ladeiras mal calçadas, as casas uma colada à outra, quase iguais. Apenas algumas poucas pessoas passam

para lá e para cá, todas se cumprimentando. Ele segue, vagarosamente, examinando espaços e distâncias, os arabescos esculpidos nas coloniais habitações, a pintura corroída de paredes e muros dos casarões em decadência. Na rua principal poucos automóveis cruzam-se em ritmo lento e jovens colegiais avançam sem pressa. Na verdade, tudo parece submetido a uma extrema lentidão.

Mas a restauradora e envolvente aragem marinha, em seguida, invade os seus sentidos. Imprecisas cores começam a revelar-se na atmosfera, enquanto velhas visões ressurgem à sua visão. Andando pelo cais ele vê pequenas embarcações atracadas em claudicantes trapiches e, mais distante, navios cargueiros flutuando em suave bamboleio.

Agora é o mar metálico, meteórico, pontilhado de mil brilhos, sob o enxame do sol a pino, seus olhos ofuscados pela intensa luz, a face contraída, o casaco nos braços. Quase no fim da rua surge um bar. Na fachada uma sereia realça-se sobre esmaecidas camadas de pintura. Apenas dois homens conversam, numa das mesas, enquanto o proprietário permanece, com ar entediado, debruçado por detrás do balcão. À sua entrada interrompe-se a conversa, os olhos acendem-se. Uma atmosfera de coisa passada paira no local (redondas mesas de mármore, teias de aranha enrodilhando-se nas prateleiras, um empoeirado quadro, ao fundo, focalizando o embate de uma galera com o enfurecido mar) e algo inquietante e incompreensível parece, novamente, sacudir a sua memória.

Um silêncio repentino domina o ambiente, as moscas zumbindo. Ele senta-se numa mesa de frente, pede uma bebida e permanece com os olhos presos nas águas e seus vastos domínios. (Lá longe a fumacinha de um navio contorcendo-se no ar, fundindo-se à abóbada azul-enevoada). E deixa-se levar em mentais flutuações, até ser interrompido por uma voz que, a princípio, parece vir de muito distante:

- ... uma dúvida apenas, o senhor me perdoe. Mas, por acaso, já não nos conhecemos de algum lugar, em algum tempo?

Em pé ao lado da mesa, está uma figura robusta, o rosto endurecido e gasto de quem já atravessou muitas décadas:

- ... pois o senhor desculpe. Mas, dali donde eu estava, vendo o senhor aí sozinho, o senhor me lembrou um alguém que eu conheci e muito prezei...

(só então ele percebeu que o seu interlocutor era um dos fregueses do bar.)

- ... uma estranha impressão, sim, pois já faz tanto tempo e agora vejo que o senhor é bem mais moço do que eu pensava olhando de lá.

(em suas mãos um pequeno e esfarrapado gorro de marinheiro)

- Parente, quem sabe?... Não?... Mas o senhor não me leve a mal. É que a vida por aqui anda agora tão igual, que talvez seja isto e é só a gente ver

uma pessoa diferente e já começa a imaginar coisas, a ver coisas diferentes.

## 2

O calor da tarde impõe o seu domínio e ele está sentado agora no circundante bando de madeira, à sombra de uma copada árvore. Raios rasgos de sol e vislumbres de um profundo céu azul penetram pelas falhas das folhagens e tudo parece rodopiar. O zumbido de uma serraria e o estalido seco de uma araponga estremecem, de quando em quando, a monótona calmaria vespertina.

Então, de repente, uma suave sonoridade – uma voz? – ecoa de uma infinita distância. Seus ouvidos aguçam-se e o som, pouco a pouco, vai se transformando em sussurrantes palavras, até que ele consegue decifrar uma frase:

- “... *vou te esperar...*”

Olha para um lado, para o outro, mas nada vê, ofuscado por infindas resplandecências que embaralham a sua visão. Será que adormecera e aquela teria sido a voz de um sonho? Logo em seguida, entretanto, outras palavras soam no ar, como se estivessem escorrendo das alturas:

- “... *nem que seja por toda uma vida...*”

Uma inquietante sensação domina-o, como se o peso de toda uma existência baixasse sobre os seus ombros. Ainda com os ouvidos sintonizados distingue, momentos depois, outras vozes e, virando-se rapidamente, surpreende, enquadradas no retangular espaço da janela de um sobrado, como permanentes figuras de uma pintura, três mulheres, atentas e vigilantes, observando-o. Os olhares cruzam-se, enquanto, elas falam entre si, cochicham. Num rompante ele levanta-se e aproxima-se, o casaco nas costas, o semblante enevoado. Elas agitam-se, convulsionam-se, em vista do algo novo que surge, modificando o exaustivo repetir-se das horas e dos dias.

E uma delas responde a indagação do forasteiro:

- Ali onde o senhor estava não tinha mais ninguém.

E uma outra:

- Só o senhor, naturalmente.

E a terceira:

- Isso mesmo.

(Ele olha para uma, para a outra e para a terceira, iguais, quase iguais: os abastados seios, as faces arredondadas, os cabelos presos em coques, ainda conservados escuros, apesar dos olhos e expressões já denotarem longas idades.)

- Nós só estávamos olhando porque... bem...

- ... o seu jeito estava um pouco esquisito, isto é...

- ... o calor talvez...  
- ... e imaginávamos que, quem sabe, um copo de água gelado poderia lhe fazer bem...

- Mas o senhor não quer entrar e descansar um pouquinho?

- O tempo aqui custa a passar...

Lá dentro o repicar dos lustres de cristal e as paredes forradas de papel florido, descolorindo-se. Elas falam, contam, relembram:

*... a cidade de outrora, as festas, os jogos de futebol, e as chegadas dos trens e navios, recepções a bordo, jovens oficiais e seus branquíssimos uniformes....*

- Não parece, não é, mas este porto já foi muito importante, no tempo dos navios...

- ... e os carnavais!

- ... os bailes, os blocos, batalhas de confete , corsos...

- ... tudo muito alegre, muito encantado...

- ... “as mimosas”, o nome do nosso bloco...

- ... cada uma procurando exibir a mais vistosa fantasia...

-... e houve o caso de um rapaz de fora que se apaixonou perdidamente por uma linda mascarada que passou num corso...

- ... ela tinha um sinal no canto esquerdo do queixo...

- ... todos os carnavais ele aqui voltava para ver se encontrava a moça de novo...

- ... mas nunca mais encontrou...

- ...e ninguém daqui também conseguiu descobrir quem era ela.

- ... mas o engraçado é que, vendo o senhor naquele banco, parecíamos estar vendo alguém que já conhecíamos...

- ... há muito tempo...

Ele observa, escuta, vê, sacudido por interrogativas inquietações e algo modela-se em sua memória – uma voz, uma face? Agora é a sala, de ressequido luxo, vasos de flores, os cafezinhos e doces servidos em bandejas de prata e xícaras de fina porcelana, cujo aroma denuncia a longa hibernação em ostentosas cristaleiras. O que nos conduz aos lugares?

### 3

Depois, ao crepúsculo, debruçado na desbotada amurada ele vê o dia findar-se, as cores da baía revolvidas em mil fulgurações. À sua frente o vago rumor das águas, a embalante calmaria. Avançando para o mar, à direita, está o clube, de silenciosos salões, só o bater e o rebater das bolas de bilhar ressoando do seu interior.

Neste momento tudo parece mais decifrável, mas, simultaneamente, as vozes das três mulheres ainda ecoam em sua mente:

*... moças em dourados cetins, os jovens com seus ternos quadriculados e chapéus palhetas, banjos, pianolas e chorosos clarinetes...*

Uma branda aragem, misturada ao embriagador cheiro de maresia, acalma, em seguida, os seus sentidos, enquanto vultos cruzam-se ao lusco-fusco. Sai de si – do mundo? do tempo? – e novamente caminha, deixando-se conduzir pela placidez da hora, acordes longínquos pairando no ar, um leve perfume de jasmims impregnando-se na atmosfera, a noite descendo, cobrindo-o, quando, mais uma vez, envolvida ao rumor do vento nas folhagens e ao ritmo do mar, a suavidade de uma voz, da voz, da mesma voz:

- “... vou te esperar...”

Repete-se o desnorteamento anterior, ele olhando com ânsia para todos os lados, mas sem nada distinguir. Logo em seguida, porém, sente-se dominado por um repentino e reanimador sopro de vento. Então ele vê!

*A moça de transparecente beleza, surgindo à sua frente; numa infinita fusão de imagens.*

*A moça, toda de branco, mas um branco esmaecente, como se estivesse se evaporando, se esvanecendo;*

*e ela era alta e possuía uma cor líquida, de gelados lagos, a cor de longínquas montanhas;*

*e de seus olhos revelava-se uma profunda e úmida luz;*

*e suas feições eclodiam e sumiam nas sombras, como se movidas por alguma forma de encantamento.*

E, de súbito, a estonteante sensação do momento já vivido, de uma face reencontrada.

O tempo entrelaça-se, rodopiando em difusas direções, estremecimentos e pontadas na memória – “onde? – quando?” – e seu rosto contrai-se, à procura do – já visto? –, querendo se lembrar do – ilembrável? –, enquanto um farol lança a sua luz, a sua mensagem ao mar, ao desconhecido, o incansável pisca-pisca.

E algo parece enlaçá-lo, a sensação de corpos se intercalando, se fundindo e um violento frêmito invade todo o seu ser, no breve instante tão intenso quanto a eternidade.

E ele acalma-se e tudo se explica, define-se, acima das épocas e das distâncias, o delineamento de uma face, de um sorriso, de uma voz, já sempre gravados em sua memória, o indelével acorde:

- “... nem que seja por toda uma vida...”

Mas um segundo depois o mundo já se transforma, já se transformou, o véu da noite envolvendo todas as linhas e contornos da velha cidade, quando, repentinamente, a figura já se afasta, desaparecendo, fluindo-se à escuridão.

Até que ele não consegue mais vê-la, decifrá-la.

Por instantes resigna-se, tudo já se movendo em novas graduações, todo o acontecimento já não mais acontecendo. Mas, em seguida, o choque na mente, o – voltar a si? –, como o abrupto despertar de um sonho e ele sai correndo pelas ruas estreitas, vai aqui, vai ali, ao cais, ao centro, dá voltas e rodeios pelos mesmos lugares e, finalmente, mais uma vez está batendo na porta da casa onde estivera antes:

- Mas, o que houve, o que aconteceu?

*alta? toda de branco? ou não era de branco? bela? belíssima? cabelos longos? Esvoaçantes? Os olhos brilhantes? Verdes? Azuis? Negros?*

- ... eu não sei... não conheço... nem eu... mas engraçado... o quê... lembra a ..... pois é... ora que bobagem... toda de branco?... ou de preto?... que parece, parece... que bobagem!... não insista... é um absurdo...

- ... na verdade não existe ninguém assim, agora, na cidade!

- ... isto mesmo....

- ... as poucas moças daqui, todas estudam fora...

- ... sim.

- ... só aparecem nas férias...

- ... é verdade.

- ... talvez ela, a moça que o senhor viu não seja daqui...

- ... seja de fora...

- ... de outra cidade...

Ofegante chega ao hotel e também às carreiras interroga um velho que está na portaria.

O velhinho coça a barba, dá três pitadas no seu cigarro de palha e depois responde:

- Não. Faz muito tempo que não vejo uma moça assim bonita. Aliás, isto aqui anda quase deserto, entregue às moscas. Só uns viajantes comerciais aparecem de vez em quando.

Então, no meio do tumulto de idéias, ele percebe que o velho é o mesmo da estação.

- Pois é, sou eu mesmo. Trabalho no hotel até a chegada do trem da noite, mas quase não tem nada o que fazer, nem cá, nem lá, este pouquíssimo movimento.

Quando ele se prepara para sair, o velhinho acrescenta:

- Mas interessante... ela, a moça, que o senhor falou, me lembra alguém...

(Ele, voltando-se, todo em atenções)

- Mas já faz muitos anos – e dizer que naquele tempo eu já estava na mesma vida... é claro que era tudo diferente muito mais gente... ah, sim, a moça... a moça mais bonita que a cidade já teve... bem... mas acho que o caso não vai interessar ao senhor, coisas de cidade pequena... ah, o senhor quer que eu conte?...

“Bom... foi um caso muito falado, na época. O senhor sabe, os costumes eram rígidos, os pais muito autoritários. Conheci bem o pai dela. Era uma pessoa ilustre na cidade, ocupou diversos cargos graúdos. Mas quase não ria. Eu nunca vi ele rindo, pelo menos. E andava sempre de preto e de colete”.

O velho dá mais uma pitada no cigarrinho de palha e continua:

“A jovem estava prometida para um doutor de outro lugar, da preferência do pai dela. Ainda tinha coisas desse tipo, naqueles tempos, o senhor veja. Aí então apareceu aquele rapaz. Não era daqui, veio não sei da onde. Mas engraçado... dele eu não me lembro muito bem. Mas era mais ou menos assim como o senhor, devia ter a sua idade, na época... é... um pouco mais velho, ou mais moço... e mais alto, talvez, mas os cabelos eram escuros, como os seus, e sempre meio pálido... é... agora estou me lembrando melhor – o senhor será que é parente dele? – não? não pode ter certeza?, pois é, mas não vem ao caso. O fato é que ele era assim um tipo meio extravagante para a cidade, o senhor compreende. E muito namoradeiro, também. São essas coisas. Chegou de fora e muitas moças da cidade ficaram de olho nele. E ele andou namorando umas tantas, que eram bonitas e disponíveis – e até algumas que já não eram disponíveis – hum-hum – coisas de jovem, muito natural. Mas depois, os dois se conheceram. Já se viram, já se amaram, foi o que se disse. Daí... ninguém mais seguiu aqueles dois. Claro que toda a família foi contra. E muita gente também – ela era a moça mais bonita da cidade – repito, uma beleza. Todos de certa forma, sentiam alguma coisa por ela, eu, inclusive, isto é, algo assim... como dizer?... mais espiritual...”

Mas eles tinham personalidade. E como tinham! Pois não é que começaram a sair por aí. Aí, é claro, só podia acontecer uma coisa. E aconteceu. O pai dela proibiu o namoro. Mas os dois continuaram a se encontrar às escondidas. Então, um dia... não tem aquela ilhota lá?, do farol?, não sei se o senhor chegou a ver?... pois é. Uma tarde o pai dela pegou os dois lá numa situação um tanto – como dizer?...isto!... um tanto comprometedor. E outras pessoas também viram, isto é que foi pior. O senhor imagina o escândalo, ainda mais considerando a época. Aí o velho trancou a moça dentro de casa, com guardião e tudo. Que coisa mais absurda, pois não é? Acho que hoje em dia não tem mais dessas coisas. Ou tem? E a jovem começou a definhar, naquele cativo. O rapaz, então, não agüentando mais a situação, foi embora.

Até que uma noite ela apareceu na estação – eu pelo menos vi que era ela! Lembro-me como se fosse hoje. Veio toda de preto, um pouco antes do trem chegar. Parecia ter surgido das sombras, lá longe, a figura alta, a gente quase não via nada por causa do nevoeiro. Depois pediu para eu não contar a ninguém. Então disse que ia partir, que ele viria buscá-la e os dois iriam embora juntos. Achei tudo meio esquisito e não acreditei. Mas também não desacreditei.

Aí o trem chegou e agora é que vem o muito estranho. Se o senhor não quiser acreditar nem precisa. Mas eu conto o que vi e juro que vi: os dois se reencontrando, se abraçando, se beijando – tudo muito lindo. Mas logo sumiram da minha vista. Deviam ser umas onze e trinta, por aí, um pouco depois da chegada do trem. Na mesma noite sonhei que ela tinha morrido exatamente naquela horinha. Quando fui saber, no outro dia – e até hoje me arrepio todo ao me lembrar disso -, o sonho era verdade mesmo. Teve gente que andou espalhando que foi suicídio. Mas isso nunca se chegou a provar. Depois eu contei o que se passou comigo para algumas pessoas, mas todo mundo achou que eu estava ficando maluco. Então resolvi não tocar mais no assunto. Pode ser que tenha sido alucinação mesmo, ou sei lá o quê. Mas que aconteceu, aconteceu. E é engraçado: tudo isso parece tão distante e, ao mesmo tempo, dá a impressão de estar acontecendo hoje.

Seu nome? Seu nome era...”.

Mais uma vez chega à achatada casa, as três mulheres surgindo de novo, assustadas, o longo e estreito corredor, encompridando-se até o escuro de não-mais-se-ver.

- ... mas você ficou maluco?!...
- ... não está regulando direito?!...
- ... onde é que já se viu...
- ... claro que ela vivia aqui nesta casa...
- ... era nossa irmã...
- ... Circe...
- ... mas se isto é coisa que se pense...
- ... pois se ela morreu...
- ... pra mais de trinta anos...

## 5

Luzes de ontem e de hoje, perquirições no espaço interminável (em que ponteiros correm os segredos do tempo?), a pálida luz dos globos desmanchando-se na névoa, o cheiro do mar e do cais, as luzes correndo, a cidade contorcendo-se, e redemoinho de mil momentos em um, *blocos e*



*corsos carnavalescos, a praça, o jardim, o mar reverberando na tarde, a ilhota, o farol, um barco chegando, as pequenas ondas atingindo a areia, dois jovens saltando, caminhando, abraçando-se, deitando-se na relva...*

“Sim, eu me lembro!”

*Do espanto caindo pelos olhos, da opalescência de tua face crivada de desejos;*

*do temor desencontrado de gestos e silêncios, do tênue rumor do vento nas folhagens;*

*do fluir ininterrupto do tempo, remexendo nossos cabelos, modificando nossos hálitos e pulsações;*

*do farfalhar do farfalhar do tecido leve, sob o impulso da brisa marinha;*

*do suave desnudar-se do seu corpo*

*(e pressentindo que aquele momento valia muito mais do uma simples existência).*

“Sim, eu me lembro!”

*Do reencontro,*

*da estação!*

Ele novamente chegando na plataforma de madeira, o ribombar de passos acelerados, ele correndo em direção a uma presença que surge, imersa na névoa.

Ingressando nas trevas o trem parte. (1968)

\*

*(Conto publicado originalmente no livro “O Jogo Infinito”, Editora da UFSC, 1984.)*